



A PSICOTERAPIA DAS ALTURAS: A REVOLUÇÃO ANTROPOLÓGICA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL NA PSICOTERAPIA VIENENSE

The Psychotherapy of Heights: The Anthropological Revolution of Logotherapy and Existential Analysis in Viennese Psychotherapy

La Psicoterapia de las Alturas: La Revolución Antropológica de la Logoterapia y el Análisis Existencial en la Psicoterapia Vienesa

VALDIR BARBOSA LIMA NETO*

ADRIANO FROTA LIMA**

DOI: <https://doi.org/10.62506/qsynb537>

Resumo: A Logoterapia, desenvolvida por Viktor Frankl, consolidou-se como a terceira escola vienense de psicoterapia, ao lado da Psicanálise de Sigmund Freud e da Psicologia Individual de Alfred Adler. Diferenciando-se dessas abordagens, a Logoterapia enfatiza a dimensão existencial e espiritual do ser humano, destacando a "vontade de sentido" como o principal motivador da vida. Este artigo revisa a genealogia histórica da Logoterapia, situando-a no contexto da Psicologia Profunda e explorando suas inovações teóricas e práticas. O conceito de "psicoterapia das alturas" é discutido como uma integração entre as profundezas psíquicas e as alturas noéticas, que abarcam os valores e significados fundamentais para a existência humana. Frankl criticava as abordagens psicoterapêuticas que desumanizavam o paciente, tratando-o apenas como um objeto de análise, e propôs uma visão tridimensional do ser humano, que integra as dimensões somática, psíquica e espiritual. Ao introduzir a dimensão noética na clínica, a Logoterapia promove uma abordagem ética e metodológica que humaniza a prática psicoterapêutica, ampliando as possibilidades de tratamento para frustrações e vazios existenciais. Conclui-se que a Logoterapia oferece uma verdadeira revolução antropológica no campo da psicoterapia, apresentando-se como uma proposta integral e transformadora para o cuidado em saúde mental.

Palavras-chave: Logoterapia, psicoterapia das alturas, valores, antropologia, humanização.

Abstract: Logotherapy, developed by Viktor Frankl, established itself as the third Viennese school of psychotherapy, alongside Sigmund Freud's Psychoanalysis and Alfred Adler's Individual Psychology. Differing from these approaches, Logotherapy emphasizes the existential and spiritual dimensions of the human being, highlighting the "will to meaning" as life's primary motivator. This article reviews the historical genealogy of Logotherapy, situating it within the context of Depth Psychology and exploring its theoretical and practical innovations. The concept of "psychotherapy of heights" is discussed as an integration between the psychic depths and the noetic heights, encompassing values and fundamental meanings for human existence. Frankl criticized psychotherapeutic approaches that dehumanized the patient, treating them solely as an object of analysis, and proposed a three-dimensional view of the human being, integrating the somatic, psychic, and spiritual dimensions. By introducing the noetic dimension into clinical practice, Logotherapy promotes an ethical and methodological approach that humanizes psychotherapeutic practice, expanding treatment possibilities for existential frustrations and voids. It is concluded that Logotherapy offers a true anthropological revolution in the field of psychotherapy, presenting itself as a comprehensive and transformative proposal for mental health care.

Keywords: Logotherapy, psychotherapy of heights, values, anthropology, humanization.

Resumen: La Logoterapia, desarrollada por Viktor Frankl, se consolidó como la tercera escuela vienesa de psicoterapia, junto al Psicoanálisis de Sigmund Freud y la Psicología Individual de Alfred Adler. A diferencia de estos enfoques, la Logoterapia enfatiza la dimensión existencial y espiritual del ser humano, destacando la "voluntad de sentido" como el principal motivador de la vida. Este artículo revisa la genealogía histórica de la Logoterapia, situándola en el contexto de la Psicología Profunda y explorando sus innovaciones teóricas y prácticas. El concepto de "psicoterapia de las alturas" se discute como una integración entre las profundidades psíquicas y las alturas noéticas, que abarcan los valores y significados fundamentales para la existencia humana. Frankl criticaba los enfoques psicoterapéuticos que deshumanizaban al paciente, tratándolo únicamente como un objeto de análisis, y propuso una visión tridimensional del ser humano, que integra las dimensiones somática, psíquica y espiritual. Al introducir la dimensión noética en la clínica, la Logoterapia promueve un enfoque ético y metodológico que humaniza la práctica psicoterapéutica, ampliando las posibilidades de tratamiento para frustraciones y vacíos existenciales. Se concluye que la Logoterapia ofrece una verdadera revolución antropológica en el campo de la psicoterapia, presentándose como una propuesta integral y transformadora para el cuidado de la salud mental.

Palabras clave: Logoterapia, psicoterapia de las alturas, valores, antropología, humanización.

* Instituto Sherpa. Fortaleza, Ceará, Brasil. Email: limaneto.vb@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6263-2344>

** Instituto Sherpa. Fortaleza, Ceará, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0530-4171>



Introdução

A Logoterapia e Análise Existencial (LAE), criada pelo psiquiatra e neurologista Viktor Frankl, emergiu como a terceira escola vienense de psicoterapia na década de 1930, ao lado da Psicanálise de Sigmund Freud e da Psicologia Individual de Alfred Adler. Esses pensadores inauguraram a chamada Psicologia Profunda, uma perspectiva que se contrapunha à psicologia experimental da escola de Leipzig, liderada por Wilhelm Wundt. Enquanto a psicologia experimental partia do estudo do organismo humano e sua fisiologia como base para compreender emoções e consciência, a Psicologia Profunda deslocou a cena da investigação do laboratório para o centro da prática clínica, enfocando o inconsciente e a dimensão dos significados na psique humana como campo de estudos e prática (Shamdasani, 2011). Essa abordagem revolucionou o estudo da subjetividade e abriu novas possibilidades para a escuta e a intervenção terapêuticas.

Frankl (2021), como herdeiro dessa tradição vienense, reconheceu o valor das contribuições da Psicologia Profunda, mas buscou ir além de seus limites.

Qualquer novo desenvolvimento psicoterápico deve necessariamente estar fundamentado na psicanálise e na psicologia individual. É nosso estrito dever ter em mente esses fundamentos. No entanto, o terreno sobre o qual eles foram fixados tem suas limitações. Por mais alta que seja essa estrutura, temos o dever e o privilégio de construir outros andares sobre suas fundações (Frankl, 2021, p.191).

O pai da Logoterapia se diferenciou dos “psicólogos das profundezas” ao propor um deslocamento da atenção exclusiva às pulsões inconscientes e aos desejos anímicos, integrando a dimensão existencial e espiritual do ser humano em sua prática clínica. Frankl não reivindicava para si o título de fundador de uma nova escola psicoterapêutica. Como ele mesmo afirmou: “Eu mesmo não me coloco, de maneira alguma, no mesmo patamar que Adler e Freud. A expressão ‘terceira corrente da psicoterapia’ não veio de mim, mas de Wolfgang Soucek; sempre pensei a logoterapia como um complemento, mas não como um substituto para a psicoterapia” (Frankl, 2012, p. 261-262). Sua proposta nasceu como um desdobramento crítico — e ao mesmo tempo integrador — da psicologia profunda, buscando reformular a imagem de ser humano que sustentava as práticas psicoterapêuticas de sua época.

Essa trajetória teórica e prática representou uma transformação significativa na psicoterapia, ao configurar um projeto de construção de uma antropologia para o campo psicoterapêutico, ou seja, transformar o modo de ver o paciente no campo da clínica. Frankl se afastou do modelo tradicional da Psicologia Profunda, marcado pelas tradições freudianas e adlerianas, e direcionou-se para uma psicoterapia de inspiração fenomenológica e existencial. Em suas experiências clínicas e estudos, desenvolveu uma abordagem inovadora, denominada “psicoterapia das alturas”. Essa proposta ampliou o olhar clínico ao integrar a dimensão biológica, enfatizada pela psicologia experimental e comportamental, e a dimensão psíquica, abordada pela Psicologia Profunda, com as “alturas” dos valores, ideais e significados que compõem a dimensão existencial do paciente. Essa concepção oferece uma visão integrada do ser humano, contemplando suas dimensões somática, psíquica e espiritual ou noética.

A compreensão dessa perspectiva exige uma análise detalhada de como Frankl concebeu a interação entre as “profundezas” psíquicas e as “alturas” noéticas, promovendo uma reformulação antropológica na psicoterapia e operando uma transformação nas lentes clínicas. Ao incluir os valores e os sentidos como aspectos centrais da prática, a Logoterapia previne reducionismos e amplia as possibilidades terapêuticas, especialmente no tratamento de frustrações e vazios existenciais.

Este artigo explora a genealogia histórica da Logoterapia, destacando suas inovações em relação à Psicologia Profunda e as implicações práticas de sua proposta como uma “psicoterapia das alturas”. O objetivo é enfatizar o significado de uma prática psicoterapêutica que se dirige às alturas, contextualizando historicamente o nascimento da Logoterapia e Análise Existencial e apresentando as escolas vienenses que influenciaram seu desenvolvimento. Para tanto, utilizou-se uma revisão de literatura integrativa, contemplando textos clássicos de Viktor Frankl traduzidos para o português, abrangendo escritos de 1938 até os anos 1970, bem como obras de Freud e Adler, além de comentadores e epistemólogos da psicologia. Assim, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla e aplicada da Logoterapia, ressaltando sua relevância na prática clínica contemporânea e sua capacidade de abordar os desafios existenciais do ser humano.



1. As Escolas de Psicoterapia Vienenses: Prelúdios da Clínica Psicológica Moderna

Viktor Emil Frankl nasceu em Viena, Áustria, em 1905, cidade amplamente reconhecida como berço da psicologia clínica e da psicoterapia moderna. Foi em Viena que se consolidaram os primeiros tratamentos e saberes clínicos voltados ao psiquismo humano, marcando uma mudança nos paradigmas da medicina ocidental e ampliando as fronteiras da compreensão da mente no início do século XX. Entre esses avanços, a Psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, destacou-se como o alicerce de uma nova forma de abordar o sofrimento humano, desvinculando-se das perspectivas exclusivamente orgânicas ou moralistas predominantes na época (Moreira, Romagnoli & Neves, 2007).

A ciência psicológica, contudo, teve suas raízes em outra tradição. Em 1879, Wilhelm Wundt fundou, em Leipzig, o primeiro laboratório experimental de psicologia, formalizando a disciplina como uma ciência objetiva. Sob forte influência do paradigma das ciências naturais e do modelo biomédico, Wundt e seus contemporâneos buscavam compreender a mente humana por meio de métodos experimentais, estabelecendo uma abordagem que relacionava os fenômenos psicológicos aos processos fisiológicos. Inspirado pela "psicofisiologia" de Gustav Fechner, Wundt consolidou uma psicologia voltada para a objetividade, utilizando métodos que conectam o funcionamento biológico aos fenômenos mentais (Figueiredo & Santi, 2008).

A psicologia experimental tinha como propósito superar as especulações filosóficas e encontrar na biologia, fisiologia e neurologia os fundamentos para uma ciência da subjetividade. Contudo, suas limitações tornaram-se evidentes ao lidar com o que era conhecido como "moléstias dos nervos", como a histeria, um quadro sem causa orgânica identificável. Na tentativa de tratar essas condições, métodos invasivos, como choques elétricos, banhos gelados e contenções físicas, eram frequentemente utilizados, reforçando a visão organicista predominante na época (Foucault, 2008). Esse fiscalismo extremo não só desumaniza os pacientes, mas também negligenciava aspectos fundamentais da experiência humana.

A histeria, amplamente diagnosticada entre mulheres na Europa dos séculos XIX e XX, desafiava a lógica biomédica. Seus sintomas físicos, como cegueira, surdez ou paralisias, careciam de causas orgânicas claras, evidenciando uma lacuna no entendimento médico da época. Na ausência de explicações biológicas, muitos médicos atribuíram esses quadros a fingimento ou fraquezas morais, perpetuando uma abordagem reducionista e moralista sobre o sofrimento psíquico.

Foi nesse cenário que Freud, médico e neurologista, iniciou sua revolução. Inquieto com a inadequação das explicações e intervenções médicas vigentes, Freud direcionou seus esforços para uma investigação mais profunda da mente humana. Ele desenvolveu uma nova metodologia que não dependia de intervenções físicas, mas sim de uma escuta atenta e de uma análise dos conteúdos inconscientes. Essa abordagem marcou o nascimento da Psicologia Profunda, inaugurando um novo olhar sobre o psiquismo e os significados subjacentes à experiência humana (Foucault, 2006).

Inspirada por Freud, a Psicologia Profunda contrastava em método e propósito com a psicologia experimental. Enquanto esta última se concentrava nos processos conscientes e na introspecção, a Psicologia Profunda mergulhava nas "profundezas" da psique, explorando o inconsciente como um campo de significados ocultos que influenciavam a vida mental e emocional. O termo foi cunhado por Eugen Bleuler, psiquiatra e colaborador de Freud, para destacar essa abordagem inovadora que se diferenciava radicalmente das tentativas de estudar a mente de maneira objetiva e fisiológica (Jung, 2012).

A Psicanálise e a Psicologia Profunda, além de trazerem uma nova compreensão sobre o inconsciente, abriram caminho para que a psicologia se afastasse do paradigma exclusivamente organicista, promovendo uma visão mais integrada e complexa do ser humano. Não é exagero afirmar que Freud inaugurou um "segundo nascimento" da psicologia, ou mesmo o nascimento da psicologia clínica, consolidando-a como uma ciência voltada para os significados da experiência humana, em oposição à visão reducionista que predominava até então. Essa ruptura metodológica e epistemológica estabeleceu as bases para o desenvolvimento de novas abordagens, como a Psicologia Individual de Alfred Adler e, posteriormente, a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, que ampliaram ainda mais os horizontes da prática psicoterapêutica.

2. Surgimento da Psicanálise: A Primeira Escola de Psicoterapia Vienense

No final do século XIX, Sigmund Freud deu início a seus estudos sobre métodos "alternativos" para compreender e tratar as neuroses, com foco especial na histeria. Durante suas investigações, explorou a hipnose como técnica terapêutica, método que vinha sendo desenvolvido por Jean-Martin Charcot, bem como estudou as teorias sobre o inconsciente e a teoria do trauma de Pierre Janet, ambos da escola psiquiátrica francesa. Esses pesquisadores já trabalhavam com a ideia de conteúdos ocultos nas profundezas da mente, contribuindo para que Freud avançasse e consolidasse sua teoria psicanalítica, especialmente no que diz respeito ao protagonismo do inconsciente na vida mental (Foucault, 2021).

Freud observou, em suas práticas clínicas, que os sintomas histericos frequentemente estavam associados a traumas da infância das pacientes, envolvendo temáticas de conotações sexuais e eróticas. Esses tra-



mas, fossem eles factuais ou fantasiosos, tinham efeitos reais sobre a subjetividade dos pacientes, levando Freud a concentrar sua atenção na realidade psíquica. Ele deslocou, assim, o foco do tratamento clínico das disfunções orgânicas para a vivência subjetiva e os significados atribuídos à experiência individual. Essa mudança marcou o início de uma nova compreensão do sofrimento humano, destacando o papel central da interpretação simbólica e dos afetos reprimidos na constituição dos sintomas (Goldberg, 2021).

Ao explorar as dinâmicas subjacentes às experiências vividas, Freud desenvolveu a concepção de uma dimensão não reflexiva no ser humano: o inconsciente. Essa esfera subjetiva, regida por afetos e pulsões, atua de maneira invisível, moldando ações, desejos e comportamentos. Freud identificou um "conflito mascarado" dentro de cada indivíduo, no qual mecanismos psíquicos trabalham para reprimir ideias e desejos inconscientes que conflitam com a imagem moral e social consciente.

Para Freud (2017), todos os sujeitos são atravessados por contradições e tensões internas, o que oferece uma rica chave para a compreensão das neuroses e outras "doenças nervosas" que intrigavam a psiquiatria do século XIX. O objetivo central da psicanálise era, portanto, promover uma tomada de consciência desses conteúdos inconscientes, ajudando o paciente a integrar os elementos reprimidos e a lidar com os sintomas de maneira mais saudável. Como afirmou Freud:

Formulamos como sendo a nossa tarefa médica levar o doente neurótico a conhecer as emoções recalçadas e inconscientes existentes dentro dele e, para esse fim, revelar as resistências que nele atuam contra tais ampliações do conhecimento sobre sua própria pessoa (Freud, 2017, p. 200).

Freud desafiou as concepções predominantes da época, que privilegiavam a razão e a moral como centrais à humanidade, ao argumentar que esses valores são secundários em relação aos instintos e desejos humanos primordiais. Sua abordagem colocou em xeque a visão cartesiana do ser humano como essencialmente racional, revelando o protagonismo do inconsciente na formação da subjetividade.

A psicanálise também introduziu uma nova perspectiva energética para o psiquismo humano. Freud posicionou a questão erótica no centro da constituição da subjetividade, entendendo o ser humano como animado por uma energia vital que cria tensões intrapsíquicas, as quais precisam ser aliviadas por meio de relações com objetos ou pessoas. Essa dinâmica, regida pelo chamado princípio do prazer, explica a busca constante pela redução de tensões internas e pelo alívio do desconforto emocional.

Em síntese, Freud demonstrou que a repressão de impulsos eróticos e afetos, frequentemente relacionada a conflitos inconscientes, gera tensões que podem se manifestar em sintomas patológicos. O processo terapêutico, então, consistia em trazer esses conteúdos reprimidos à consciência, permitindo que o paciente se reconciliasse com seus próprios desejos e conflitos internos.

Pela primeira vez, a atividade clínica focava-se no discurso do paciente, retirando do centro da prática os exames biológicos e intervenções físicas. Freud transformou a prática psiquiátrica ao enfatizar a interpretação simbólica, os significados subjetivos e a biografia individual como elementos fundamentais para a compreensão dos fenômenos humanos.

Pela psicanálise reconhecemos que os destinos da libido são decisivos para a saúde ou para a doença nervosa. [...] Foi justamente a investigação psicanalítica que nos possibilitou demonstrar que a predisposição neurótica reside na história do desenvolvimento da libido (Freud, 2016, p. 70).

A publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1901) marcou formalmente o nascimento da psicanálise como a primeira escola de psicoterapia moderna. Em pouco mais de uma década, a psicanálise já havia se espalhado pelos principais centros intelectuais do mundo ocidental, influenciando profundamente o campo das ciências humanas e médicas. Esse crescimento também gerou dissidências significativas, como a fundação da Psicologia Individual por Alfred Adler, em 1911, que representou a segunda grande escola de psicoterapia vienense.

3. Adler e a Psicologia Individual: A Segunda Escola de Psicoterapia Vienense

Alfred Adler, médico psiquiatra e um dos membros fundadores da Sociedade Psicanalítica de Viena, esteve ao lado de Freud nos primeiros grupos de estudo dedicados à Psicanálise. Contudo, ao longo de uma década de colaboração, Adler começou a questionar aspectos fundamentais da teoria freudiana, especialmente no que se refere à etiologia sexual das neuroses. Enquanto Freud atribuía à libido de origem erótica o papel central na constituição do psiquismo, Adler propôs uma visão alternativa, concebendo a tensão intrapsíquica como uma força de superação e potência que move o ser humano em direção à superioridade na vida (Handlbauer, 2020).

A Psicologia Individual, como ficou conhecida sua abordagem, emergiu das discordâncias com Freud e foi influenciada tanto pelo pensamento marxista quanto pelo niilismo filosófico de Nietzsche (Jung, 2012). Adler desenvolveu uma psicologia profunda voltada para o social, marcando um afastamento do determinismo biológico e sexual de Freud, ao enfatizar o papel da comunidade e da cooperação social na formação da psique.



Adler argumentava que a condição humana é marcada pela fragilidade e dependência desde o nascimento. O ser humano, em sua condição inicial, é incapaz de sobreviver sem o cuidado de outros, o que revela uma inferioridade orgânica intrínseca e o liga a um instinto gregário fundamental. A necessidade de convivência em comunidade é, segundo Adler, a base para o desenvolvimento do psiquismo humano.

Toda a escala zoológica nos demonstra a lei fundamental de que as espécies, cujos membros são incapazes de arrostar a luta pela sua própria conservação, buscam na vida gregária recursos eficazes para preservá-la (Adler, 1957, p. 39).

Esse sentimento de inferioridade, que surge nos primeiros anos de vida, é um dos pilares da teoria adleriana. A percepção da fragilidade intrínseca leva o indivíduo a buscar sua superação, criando um impulso que Adler chamou de *vontade de superioridade*. Essa força motriz impulsiona o ser humano a alcançar metas futuras, superar desafios e desenvolver um estilo de vida único. Adler entendia o psiquismo como profundamente teleológico: toda ação humana está orientada por uma finalidade ou objetivo que busca dar sentido às experiências de vida.

Adler também destacou a relação indissociável entre a dimensão social e a individualidade. Para ele, a vida psíquica se desenvolve em um constante equilíbrio entre o desejo de afirmação individual e a necessidade de cooperação com o grupo. O sentimento de comunidade é visto como essencial para o crescimento saudável do indivíduo e a superação das neuroses. “Desde que uma pessoa lute pela superioridade, temperando-a com o interesse social, está vivendo do lado útil da vida e pode realizar algo com acerto. Mas, se carecer de interesse social, não estará realmente preparada para a solução dos problemas da vida” (Adler, 1956, p. 70).

A neurose, segundo Adler (1957), é entendida como uma forma disfuncional de lidar com o sentimento de inferioridade. Em vez de buscar uma integração saudável com o ambiente social, o indivíduo neurótico recorre a estratégias de compensação que exacerbam o isolamento e o egoísmo. A Psicologia Individual propõe a reorientação desses padrões, ajudando o paciente a encontrar um propósito de vida que esteja alinhado tanto com suas metas pessoais quanto com as necessidades de sua comunidade. Na leitura do próprio Frankl:

De acordo com a psicologia individual, em certa medida todo ser humano sofre de um sentimento de inferioridade. E isso pela simples condição humana, ou seja, de um ser que nas primeiras etapas de sua vida, mais do que o animal, é por completo dependente da ajuda dos outros, dos adultos, dos pais. Mas o sentimento de inferioridade comum da criança normal é superado, é ajustado, ou conforme a psicologia individual o expressa, é compensado por uma natural aspiração por segurança no contexto da Comunidade humana (Frankl, 2018, p.33).

Adler também desenvolveu um conceito central para sua abordagem: o *protótipo de vida*. Desde a infância, o indivíduo cria um modelo mental de como superar suas vulnerabilidades e alcançar seus objetivos. Esse protótipo guia inconscientemente o desenvolvimento da personalidade e das relações sociais ao longo da vida. Para Adler, o papel do terapeuta é identificar e trabalhar com esse protótipo, ajudando o paciente a redefinir suas metas de forma mais funcional e integrativa. “Em cada espírito existe um conceito de finalidade ou ideal a ser atingido, situado além das condições atuais, um desejo de vencer as deficiências e dificuldades do presente, expressos na elaboração de um objetivo concreto no futuro” (Adler, 1956, p. 33).

A prática clínica adleriana é marcada por sua abordagem diretiva e interativa. A Psicologia Individual adota uma metodologia de traço psicoeducativo, com ênfase na análise do estilo de vida, nos padrões de comportamento e nos traços de caráter dos pacientes. Adler também dedicou atenção ao trabalho com famílias, acreditando que a prevenção de distúrbios psíquicos deve começar na infância, por meio da educação e do fortalecimento das relações interpessoais.

A segunda escola de psicoterapia vienense radicalizou a rejeição ao determinismo biológico ao enfatizar a natureza social do ser humano e sua busca por sentido. Enquanto Freud via o indivíduo como movido por instintos eróticos e em constante tensão com o mundo, Adler entendia o ser humano como um ser gregário, cujo crescimento pessoal está intrinsecamente ligado à comunidade (Adler, 1956).

Por fim, Adler abriu caminho para uma psicologia mais voltada para as questões sociais e para a integração do indivíduo em seu meio. Sua teoria ofereceu uma nova perspectiva para a prática psicoterapêutica, centrando-se na superação das dificuldades pessoais por meio de metas que transcendem a individualidade e servem ao bem comum. Essa visão seria posteriormente complementada por Viktor Frankl, que introduziu a dimensão espiritual e noética na tradição vienense, consolidando a terceira escola de psicoterapia.

4. A Terceira Escola de Psicoterapia Vienense: Um Compimento ao Campo da Psicoterapia

Quem poderia falar de psicoterapia sem mencionar Freud e Adler? E, em se tratando da psicoterapia, quem poderia deixar de partir da psicanálise e da psicologia individual para depois e sempre a elas se



referir? [...] A obra de seus criadores impõe-se ao nosso pensamento na história da psicoterapia, sem que dela possamos prescindir. Ainda que se trate de ultrapassar os princípios da psicanálise e da psicologia individual, continua válida a sua doutrina como base das investigações (Frankl, 2016, P.31)

Ao longo das primeiras duas décadas do século XX, psicanálise e psicologia individual consolidaram-se como as duas grandes escolas de psicoterapia vienense. A Logoterapia e Análise Existencial (LAE), criada por Viktor Frankl, surgiu como a terceira escola de psicoterapia vienense, consolidando-se não como uma ruptura, mas como um complemento às tradições psicanalítica e adleriana. Frankl, que iniciou seus estudos ainda na adolescência com um precoce envolvimento com a psicanálise e correspondência com Freud, acabou encontrando maior afinidade nos Círculos da Psicologia Individual. No entanto, tanto a psicanálise quanto a psicologia adleriana seriam alvo de suas reflexões críticas, especialmente no que se refere ao reducionismo que ambas, em sua visão, apresentavam em relação ao ser humano.

Apesar de reconhecer os avanços dessas escolas, Frankl identificava nelas um ponto cego: tanto a psicanálise quanto a psicologia individual, embora tivessem superado o reducionismo biologicista da psiquiatria do século XIX e aberto novos caminhos para a escuta da alma, pareciam estancar numa compreensão exclusivamente psicodinâmica do ser humano.

Para Frankl, as abordagens da psicologia profunda fundamentavam-se em forças inconscientes e mecanismos compensatórios que, com essa delimitação estrita, acabavam por reduzir a subjetividade humana a um sistema mecânico de autorregulação psíquica. Isso resultava numa leitura clínica que culminava numa explicação do paciente redutível a dinâmicas mecânicas e energéticas de seu psiquismo. Sobre o efeito desse entendimento na psicanálise, ele afirma:

[...] a psicanálise não somente adotou a objetividade, mas sucumbiu a ela. A objetividade finalmente levou à objetificação ou coisificação, isto é, fez do ser humano uma coisa. A psicanálise vê o paciente como sendo regido por mecanismos, e o terapeuta como aquele que sabe lidar com tais mecanismos. Ele é a pessoa que conhece a técnica de consertar esses mecanismos quando defeituosos. (Frankl, 2007, p. 14)

Na leitura frankliana, a alma humana vinha sendo reduzida pela psicologia profunda a um sistema fechado, regido por impulsos em busca de alívio ou equilíbrio. Essa concepção negligenciava a possibilidade de o ser humano agir com liberdade e realizar atos movidos por intenções genuínas, afinal, para ela todo ato do sujeito era oriundo de desejos que sempre visavam à satisfação pulsional inconsciente.

Na ânsia de desvelar os mecanismos inconscientes dos sintomas, a psicoterapia das profundezas arriscava-se a reduzir todos os atos humanos a movimentos centrados no próprio sujeito, interpretando toda ação como derivada do mundo pulsional e de suas necessidades internas, não havendo possibilidade de relação, de correspondência e inter-afetação no contato direto da pessoa com o mundo e com a alteridade.

Para Frankl(2019), essa atitude não saía ilesa, cobrava um preço e resultava em uma série de consequências em vários níveis, sobretudo de proporções antropológicas! Eis a chave de leitura pela qual Frankl irá analisar criticamente as psicoterapias de seu tempo: o prisma dos efeitos na visão de humano que teorias produzem e como conduzem o relacionamento com os pacientes. Foi essa crítica que o levou a afirmar que toda psicoterapia, consciente ou não, possui uma teoria antropológica e uma filosofia de vida subjacente: “Não há psicoterapia que não contenha uma teoria antropológica e uma filosofia de vida subjacente. Intencionalmente ou não, a psicoterapia se funda nesses dois eixos” (Frankl, 2010, p. 25).

Assim, na visão de Frankl, toda escola psicoterápica, ao atuar sobre o sofrimento humano, projeta implicações antropológicas que repercutem para além do consultório. Ou seja, inevitavelmente, uma clínica psicoterápica terá efeitos metaclínicos e implicações valorativas para além das quatro paredes de sua clínica. Frankl buscava superar essas limitações ao propor uma nova visão antropológica para a psicoterapia, integrando não apenas o biológico e o psíquico, mas também o espiritual. Para ele, era fundamental resgatar o ser humano enquanto um ser dotado de liberdade, responsabilidade e valores, evitando sua redução a meros mecanismos intrapsíquicos.

Mas por trás da interpretação da psicologia em termos de mera técnica espreita o cinismo. É verdade que vemos o terapeuta como simples técnico somente se, primeiro, virmos o paciente como um tipo de máquina. Somente um *homme machini*, diria eu, precisa de um *médecin* technicien. (Frankl, 2007, p. 14)

Toda essa reflexão fermenta e tensiona as ideias do jovem Viktor, especialmente diante de novos encontros e interlocuções que teve em sua formação, ainda na passagem pela psicologia individual. Nos círculos adlerianos, Frankl acaba se aproximando de duas figuras que se tornaram decisivas nas mudanças de rumo dos seus estudos: Rudolf Allers e Oswald Schwarz.

Leitores de fenomenologia, Allers e Schwarz vinham pensando a psicanálise e a psicoterapia de uma forma mais crítica, vendo além de sua fascinante abertura ao psiquismo e ao inconsciente no âmbito médico. Para esses pensadores, em alguma medida, elas pareciam ter um efeito coisificante em seus postulados, em técnicas e, em última instância, na forma de proceder na relação terapêutica e seus impactos na visão do ser



humano. Os dois desenvolvem uma sólida amizade com Frankl, e o incentivam a conhecer a obra do pensador Max Scheler, apurando seus estudos em filosofia e psicoterapia. Com eles, Frankl ampliou seus horizontes filosóficos, mergulhou nos estudos da fenomenologia e encontrou respaldo para suas inquietações antropológicas.

Frankl capta, nessa perspectiva, sintonia com seus incômodos, dentro do que ele passou a chamar de "psicologia psicologista" e passa a pensar e a escrever sobre a possibilidade de superar tal reducionismo em diálogo ainda com os estudos em psicologia individual.

5. Influências Fenomenológicas e a Construção de uma Nova Abordagem

A fenomenologia, como corrente filosófica fundada por Edmund Husserl no início do século XX, propõe um caminho de conhecimento da realidade a partir da experiência vivida tal como ela se apresenta à consciência. Em vez de explicar o mundo por meio de teorias ou sistemas pré-concebidos, a fenomenologia busca descrever a essência dos fenômenos da maneira como se manifestam na subjetividade. No campo da psicologia e da psiquiatria, essa abordagem influenciou profundamente autores como Ludwig Binswanger, Eugène Minkowski, Medard Boss e o próprio Frankl, que passaram a considerar a experiência existencial do sujeito como núcleo da investigação clínica.

A fenomenologia também abriu caminhos para a crítica aos modelos reducionistas e mecanicistas, oferecendo uma compreensão mais integral do ser humano em sua liberdade, existência e abertura ao mundo (Holanda, 2014). O termo "coisificação" em Frankl ressoa com a crítica existencial de Heidegger ao esquecimento do ser e com a fenomenologia, especialmente na tradição de Max Scheler. Designa o processo pelo qual o sujeito deixa de ser compreendido como pessoa — livre, valorativa, responsável — e passa a ser tratado como um organismo funcional a ser reparado ou ajustado.

Max Scheler, considerado um dos fundadores da antropologia filosófica e um expoente da fenomenologia, defendeu uma visão do ser humano como pessoa centrada em valores, emoções e atos de amor, opondo-se à visão mecanicista da psicologia experimental. Frankl relata sua profunda influência: "Por esse tempo, enxerguei definitivamente meu próprio 'psicologismo'. Fui totalmente sacudido por Max Scheler, e carregava seu livro *Formalismus in der Ethik* [Formalismo na ética] como uma bíblia. Estava mais do que na hora de uma autocrítica do meu próprio psicologismo" (Frankl, 2010, p. 71).

O psicologismo, na concepção frankliana, pode ser entendido como uma tendência desvalorizadora que reduz o ser humano a seus condicionamentos psíquicos:

O psicologismo pode-se entender, portanto, como meio de uma tendência desvalorizadora. Assim, qualquer orientação de pesquisa dominada por ele deixa de ser expressão da entrega cognoscitiva a uma coisa. Mas o psicologismo, na nossa opinião, é ainda a manifestação parcial de um fenômeno mais amplo. O final do século XIX e o começo do século XX deformaram completamente a imagem do homem, vendo-o predominantemente nos seus vários estados de sujeição, quer dizer, na sua hipotética impotência em face dos liames que o atam; assim, o biológico, o psicológico, o sociológico. E a liberdade verdadeiramente humana, a liberdade perante todas estas vinculações, a liberdade do espírito em face da natureza - a única, aliás, que constitui a essência do homem -, foi esquecida. (Frankl, 2019, p. 75)

A psiquiatria existencial, vertente desenvolvida principalmente no contexto europeu entre as décadas de 1920 e 1940, com forte influência da fenomenologia de Edmund Husserl e da ontologia de Martin Heidegger, propunha superar o paradigma biomédico tradicional e compreender o sofrimento psíquico a partir da existência concreta e subjetiva do indivíduo. Psiquiatras como Binswanger, Boss e Minkowski foram pioneiros nesse campo, integrando conceitos filosóficos à prática clínica e propondo uma psicopatologia centrada na experiência vivida.

Frankl, em diálogo com essa tradição, mas desenvolvendo um caminho próprio, propõe uma psicoterapia que não se limita às profundezas psíquicas, mas que também contempla as alturas antropológicas do ser humano. Assim, ele entenderá que, se a psicanálise é uma psicoterapia das profundezas, a logoterapia pode ser considerada uma psicoterapia das alturas, pois reconhece no ser humano não apenas o abismo de suas pulsões, mas também o cume de suas aspirações espirituais, ou seja, vivencia além de impulsos, a atração por valores e ideais, que personalizam sua relação com o mundo para além da necessidade, colocando em cena uma lógica de propósitos e causas.

Em realidade, porém, o homem não é um ser impelido por algo pulsional, mas é antes um ser atraído pelo elemento valorativo. [...] Os valores me atraem, mas não me impelem. Eu me decido pela realização de valores em liberdade e responsabilidade; para a realização de valores, tomo uma resolução, articulo-me com o mundo de valores; mas em tudo isso não há como falar de caráter pulsional. Com certeza, não é apenas o elemento psíquico, mas também o espiritual que possui a sua dinâmica; a dinâmica do espiritual, contudo, não é fundada pelo caráter pulsional, mas pela aspiração valorativa. O caráter pulsional psíquico e as pulsões imergem nessa aspiração valorativa espiritual como energia "de alimentação" (Frankl, 2012, p.108).



Esta concepção de "psicoterapia das alturas" não significa, contudo, uma negação das contribuições da psicologia profunda. Pelo contrário, representa uma integração que reconhece tanto as profundezas psíquicas quanto as alturas noéticas como dimensões constitutivas do ser humano.

Cumpramos perguntar-nos se não terá já soado a hora de vermos, no âmbito da psicoterapia, a existência humana, não só na sua profundidade, mas também nas suas alturas — para se ultrapassar deliberadamente, não apenas o nível do físico, mas também o do psíquico, abarcando também por princípio a esfera do espiritual. A psicoterapia feita até a presente data bem pouco nos deixou ver da realidade espiritual do homem. (Frankl, 2019, p.37)

Embora sua crítica tenha se concentrado inicialmente nas escolas da psicologia profunda, Frankl (2010) também incluía em seu diagnóstico as psicoterapias de orientação comportamental e cognitivista, especialmente aquelas desenvolvidas nos Estados Unidos, como a Análise do Comportamento de B.F. Skinner e a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Para Frankl, essas abordagens, embora eficazes na modificação de comportamentos e padrões de pensamento, seguem a tradição direta da psicologia experimental e correm o risco de recair num biologicismo reducionista. Ao ignorarem a dimensão dos valores, dos ideais e do sentido, tendem a reduzir o ser humano a um organismo adaptativo, condicionado a estímulos e reforços. Assim, também elas podem contribuir, inadvertidamente, para o esvaziamento antropológico que a proposta frankliana busca superar.

Não há psicoterapia que não contenha uma teoria antropológica e uma filosofia de vida subjacente. Intencionalmente ou não, a psicoterapia se funda nesses dois eixos. Desse modo, a questão não deve ser se a psicoterapia é ou não baseada numa *Weltanschauung*, mas, sim, saber se tal *Weltanschauung* subjacente está certa ou errada. "Certa ou errada", no entanto, significa, nesse contexto, se, em determinada teoria ou filosofia, a humanidade do homem se mantém preservada ou não. O caráter especificamente humano do homem é negligenciado, por exemplo, por aqueles psicólogos que aderem ou ao "modelo da máquina" ou ao "modelo do rato", como Gordon W. Allport classificou (Frankl, 2011, p.25).

A proposta de Frankl, ao desenvolver a Logoterapia e Análise Existencial, foi justamente oferecer uma alternativa a esses modelos reducionistas, reconhecendo no ser humano não apenas suas determinações biológicas e psicológicas, mas também sua capacidade de autodeterminação e transcendência. Assim, antes de mais nada, sua escola de psicoterapia é um complemento antropológico à psicoterapia como um todo, uma verdadeira fundamentação rumo à humanização do olhar e da prática clínica em psicoterapia.

Assim, Frankl pode ser considerado um reformista no campo da psicoterapia e da psiquiatria. Sua proposta de análise existencial logoterapêutica busca ampliar o alcance da prática clínica, trazendo à tona a dimensão espiritual como parte essencial do cuidado psicoterapêutico. Ao incluir os valores, propósitos e o sentido da vida como elementos centrais de sua abordagem, Frankl reformulou a relação terapêutica, oferecendo uma alternativa ao reducionismo técnico e mecanicista das escolas anteriores.

Essa crítica ao psicologismo, como Frankl denomina as práticas que reduzem o ser humano a mecanismos intrapsíquicos, está no cerne de sua análise existencial. Para ele, era necessário superar não apenas o biologicismo, mas também o reducionismo psicológico que coisifica o ser humano e ignorava sua capacidade de transcender o sofrimento. "A luta contra as tendências despersonalizadoras e desumanizadoras que emanam do psicologismo na psicoterapia é realmente o nó condutor que perpassa todas as minhas obras" (Frankl, 2010, p. 78).

Frankl compreendia que a dimensão noética — onde residem os valores e o sentido da vida — era essencial para uma prática psicoterapêutica que respeitasse a totalidade do ser humano. A inclusão dessa dimensão por meio de sua análise existencial permitiu que a Logoterapia transcendesse as abordagens reducionistas, integrando biologia, psique e espiritualidade de maneira harmoniosa. Ainda assim, Frankl (2011) não acusava as teorias psicológicas de promoverem, deliberadamente, a desumanização. Ele reconhecia que os efeitos antropológicos como problemas e desafios do espírito da época do surgimento dessas práticas, eram pontos cegos gerados por uma hegemonia técnico-científica que reduzia o humano a formas limitadas e calculáveis.

Para Frankl (2019), a LAE seria um caminho para prevenir os efeitos colaterais da psicoterapia psicologista, assim ele entende que: "A Logoterapia não invalida as descobertas das escolas anteriores, mas as envolve ao reinterpretá-las sob a ótica de uma dimensão superior" (p. 37-38). Eis o sentido específico de uma psicoterapia das alturas. Dessa forma, a Logoterapia não se propõe a substituir as demais escolas de psicoterapia, mas a complementá-las, trazendo uma visão ampliada e humanizada para o cuidado em saúde mental. Essa proposta figura, portanto, como a contribuição mais valiosa e o principal diferencial da Terceira Escola de Viena: ampliar o diálogo com os saberes e com os cuidados em psicoterapia, elevar o olhar do humano, de suas profundezas a suas alturas.

A LAE não apenas complementa as tradições freudiana e adleriana, mas também inaugura um novo paradigma na psicoterapia. Ao integrar as dimensões somática, psíquica e espiritual, Frankl propõe uma prática que humaniza o cuidado clínico, oferecendo uma resposta ética e metodológica às limitações das psicoterapias



as de sua época. Seu legado continua a inspirar práticas que valorizam a busca de sentido como elemento central para a saúde e a integridade humana.

Considerações Finais

A Logoterapia e Análise Existencial, desenvolvida por Viktor Frankl, representa uma contribuição significativa para o campo da psicoterapia ao propor uma abordagem que reconhece e valoriza a dimensão existencial e espiritual do ser humano. A busca por sentido não é uma racionalização secundária de impulsos mais primitivos, mas uma necessidade fundamental da psique humana, tão importante quanto as necessidades biológicas e psicológicas. Ao criticar o reducionismo psicologista das abordagens tradicionais e propor uma "psicoterapia das alturas", Frankl não apenas complementou as contribuições da psicologia profunda, mas também ofereceu uma perspectiva integradora que reconhece a complexidade multidimensional da existência humana.

A visão tridimensional do ser humano proposta por Frankl, que integra as dimensões somática, psíquica e espiritual, permite uma compreensão mais abrangente do sofrimento humano e abre novas possibilidades terapêuticas. Ao introduzir a dimensão noética na clínica, a Logoterapia promove uma abordagem ética e metodológica que humaniza a prática psicoterapêutica, ampliando as possibilidades de tratamento para frustrações e vazios existenciais.

Em um mundo cada vez mais marcado pelo vazio existencial e pela perda de referências valorativas, a contribuição de Frankl mostra-se particularmente relevante. Sua proposta de uma psicoterapia que reconhece e valoriza a dimensão espiritual do ser humano oferece um contraponto necessário às tendências reducionistas e mecanicistas que ainda persistem em muitas abordagens contemporâneas.

Conclui-se, portanto, que a Logoterapia oferece uma verdadeira revolução antropológica no campo da psicoterapia, apresentando-se como uma proposta integral e transformadora para o cuidado em saúde mental. Ao reconhecer no ser humano não apenas suas determinações biológicas e psicológicas, mas também sua capacidade de autodeterminação e transcendência, a abordagem frankliana contribui para uma prática clínica mais humanizada e alinhada com as necessidades existenciais do ser humano contemporâneo.

Referências

- Adler, A. (1956). *A Ciência de Viver* (5ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editora.
- Adler, A. (1957). *A Ciência da Natureza Humana*. São Paulo, SP: Companhia Editorial Nacional.
- Figueiredo, L. C. M., & Santi, P. L. R. (2008). *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência* (3ª ed.). São Paulo: EDUC.
- Foucault, M. (2006). *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2022). *Ludwing Binswanger y el análisis existencial: Un enfoque filosófico de la enfermedad mental*. Buenos Aires, AR: Siglo Veintiuno Editores.
- Frankl, V. E. (2005). *Um Sentido Para A Vida: Psicoterapia E Humanismo* (11ª ed.). São Paulo, SP: Ideias E Letras.
- Frankl, V. E. (2007). *A Presença Ignorada de Deus*. São Paulo, SP: Vozes.
- Frankl, V. E. (2010). *O Que Não Está Escrito nos Meus Livros: Memórias*. São Paulo, SP: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2011). *A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da Logoterapia* (1ª ed.). São Paulo, SP: Paulus.
- Frankl, V. E. (2012). *Logoterapia e Análise Existencial: Textos de seis décadas*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Frankl, V. E. (2019). *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial* (7ª ed.). São Paulo, SP: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2019). *O Sofrimento Humano: Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. São Paulo, SP: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e Existencialismo*. São Paulo, SP: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2021). *A Falta de Sentido: Um desafio para a psicoterapia e filosofia*. Campinas, SP: Auster.
- Freud, S. (2016). *Neurose, Psicose e Perversão*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.



- Freud, S. (2017). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Goldberg, L. (2021). *Freud: Uma introdução à clínica psicanalítica*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Handlbauer, B. (2020). *A controvérsia de Freud-Adler* (F. Lubisco, Trad.). São Paulo, SP: Madras.
- Holanda, A. (2014). *Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias*. Curitiba, PR: Juruá.
- Jung, C. G. (2012). *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moreira, J. O., Romagnoli, R. C., & Neves, E. O. (2007). O surgimento da clínica psicológica: Da prática curativa aos dispositivos de promoção de saúde. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 608–621.
- Shamdasani, S. (2005). *Jung e a construção da psicologia moderna: O sonho de uma ciência* (M. S. Mourão Netto, Trad.). Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Recebido em 16.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 22.04.2025 – Aceito em 19.02.2026